



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS  
TCC- TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**JAQUELINE MARQUES DE SOUSA**

**A RELIGIOSIDADE DE MATRIZ AFRICANA EM “UM  
DEFEITO DE COR” DE ANA MARIA GONÇALVES**

**Catolé do Rocha – PB**

**2022**

JAQUELINE MARQUES DE SOUSA

**A RELIGIOSIDADE DE MATRIZ AFRICANA EM “UM  
DEFEITO DE COR” DE ANA MARIA GONÇALVES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba – *Campus IV*, como requisito para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras.

Orientador (a): Prof. Dr. Aurélio Farias Conceição

**Catolé do Rocha – PB**

**2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S725r Sousa, Jaqueline Marques de.  
A religiosidade de matriz africana em "Um Defeito de Cor" de Ana Maria Gonçalves. [manuscrito] / Jaqueline Marques de Sousa. - 2022.  
32 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2022.

"Orientação : Prof. Dr. Auríbio Farias Conceição ,  
Coordenação do Curso de Letras - CCHA."

1. Práticas Religiosas. 2. Povos Africanos. 3. Tradições . I.  
Título

21. ed. CDD 299.673

JAQUELINE MARQUES DE SOUSA

**A RELIGIOSIDADE DE MATRIZ AFRICANA EM “UM  
DEFEITO DE COR” DE ANA MARIA GONÇALVES**

Aprovada em: 29/11/2022

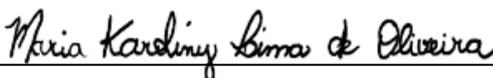
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Auribio Farias Conceição – UEPB/CAMPUS IV  
(Orientador)



Prof. Me. Fábio Pereira Figueiredo – UEPB/CAMPUS IV  
(Examinador)



Prof. Me. Maria Karoliny de Lima Oliveira – UEPB/CAMPUS IV  
(Examinador)

Catolé do Rocha- PB

2022

Dedico este trabalho, primeiramente, ao meu amado Deus, pois é o centro de minha vida, sempre guiando os meus passos. A minha preciosa filha, razão pela qual nunca desisti. Aos meus pais, meu tesouro precioso. Ao meu esposo, irmãos, sobrinhos, amigos e a todos que contribuíram para a realização desse sonho.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus pelo dom da vida, pelo seu infinito amor, pois sem ele nada sou. Obrigada por ter me dado forças e coragem para seguir em frente nessa caminhada árdua, me sustentando até aqui, e permitindo a realização desse sonho. Em especial aos meus pais (Francilda Marques de Sousa e Pedro Manoel Francisco), que são meus maiores exemplos de força e coragem. Obrigada por acreditarem em mim, me incentivando a lutar pelos meus sonhos, sou grata por tudo. Ao meu querido esposo, Josean, pelo incentivo, apoio e companheirismo. A minha filha amada, Maria Eloá, motivo pela qual permaneço firme e forte, mesmo diante das dificuldades. Ao meu sobrinho Lucas Rian, por toda as vezes que me ajudou quando mais precisei, meu muito obrigada. Agradeço as minhas irmãs e colegas de curso, Joselma, Joyce e Janaina por toda força e ajuda que me deram durante esse percurso. Aos demais familiares que acreditaram nesse sonho junto comigo. A todos que compõe a Universidade Estadual da Paraíba, campus IV. Minha imensa gratidão aos professores que contribuíram para minha formação ao longo do curso, me ajudando a crescer de forma acadêmica como também pessoal. Não poderia deixar de expressar minha gratidão ao meu professor e orientador, Auríbio Farias Conceição, pela sua paciência e dedicação, sempre estando a disposição para o que fosse necessário para a realização da pesquisa. Aos meus colegas de curso. Agradeço também aos meus amigos da vida pessoal, pois sempre estiveram comigo. E não poderia esquecer da minha querida amiga Ana Geovana, minha imensa gratidão, muitas foram as vezes que te mandei mensagem, e sempre me respondeu com carinho, me incentivando e acreditando em mim quando nem eu mesma acreditava. E por fim, sou grata a todos que seja de forma direta ou indireta, contribuíram para a minha formação, minha imensa gratidão.

Quando não souberes para onde ir, olha para trás e  
saiba pelo menos de onde vens.

*Provérbio Africano*

## RESUMO

É sabido que as práticas culturais e religiosas dos povos africanos, escravizados, levados a força para outro continente nunca foram bem vistas aos olhos dos colonizadores, e ao contrário do que se pensam, séculos após a abolição da escravatura, e mesmo tendo ganhado um certo espaço, no Brasil, esse tipo de religião ainda continua sendo menosprezada, e tida como errada. Nessa perspectiva, esta pesquisa calçou-se na seguinte incógnita: como as tradições afro religiosas se perpetuaram em meio a tantas represálias até os dias atuais. Através da análise do romance “*Um defeito de cor*”, de Ana Maria Gonçalves (2020), objetiva-se, fazer uma reflexão acerca das contribuições advindas de tais práticas religiosas para a formação cultural e identitária do povo brasileiro, bem como, desmistificar as visões racistas e preconceituosas, as quais atribuem à essa matriz religiosa o conceito de demonização. Para realização da pesquisa, buscou-se fundamentar-se em autores validados pela fortuna crítica como Prandi(2001), Eliude(1972), Verger(1983), Duarte(2009) e Munanga(2015).

**Palavras-chave:** Práticas Religiosas. Povos Africanos. Tradições.

## ABSTRACT

It is known that the cultural and religious practices of enslaved African peoples, taken by force to another continent, were never well regarded by the colonizers, and contrary to popular belief, centuries after the abolition of slavery, and even having gained a certain space, in Brazil, this type of religion is still being despised, and considered wrong. In this perspective, this research was based on the following question: how the Afro religious traditions were perpetuated amid so many reprisals until the present day. Through the analysis of the novel “Um defect de cor”, by Ana Maria Gonçalves (2020), the objective is to reflect on the contributions arising from such religious practices for the cultural and identity formation of the Brazilian people, as well as to demystify the racist and prejudiced views, which attribute to this religious matrix the concept of demonization. To carry out the research, we sought to base ourselves on authors validated by critical fortune, such as Prandi(2001), Eliude(1972), Verger(1983), Duarte(2009) and Munanga(2015).

**Keywords:** Religious Practices. African peoples. Traditions

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	10
1.1 SOBRE ANA MARIA GONÇALVES E A OBRA UM DEFEITO DE COR: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES .....	11
1.2 IDENTIDADE E RELIGIOSIDADE: Uma história roubada.....	14
2 A RELIGIOSIDADE DE MATRIZ AFRICANA .....	17
2.1 Do sincretismo ao hibridismo religioso .....	17
2.2 O Mito, cerimônias e rituais.....	19
2.3 A resignificação de Kehinde através da ancestralidade. ....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	31

## 1. INTRODUÇÃO

No presente trabalho veremos a importância de destacar a religião de matriz africana, cuja a inferiorização da religião do negro escravizado pelo branco justifica a relevância desta pesquisa. Esta por sua vez, objetiva-se a desmistificar discursos e práticas racistas, que ao longo dos séculos têm sido responsáveis pela elaboração de narrativas de desvalorização e demonização das práticas religiosas africanas, assim, reconhecendo sua importância no processo de construção da identidade religiosa do povo brasileiro; especificamente, identificar e analisar os costumes religiosos presentes na obra. Através do romance em questão, a articulação entre a prática da religiosidade do afrodescendente traficado para o Brasil e a prática da religião do colonizador, também foi fator motivador para a realização desta pesquisa, mostrando como a religião africana se manteve viva até hoje, através dos processos híbridos. Neste trabalho, a religião de matriz africana é apresentada em sua tradição, rituais, deuses e ancestralidade.

Os rituais de origem africana, tinham forte ligação com a natureza, mas foram substituídos por práticas religiosas hibridizadas com a religião cristã do colonizador, já que os mesmos, tinham como propósito expandir os valores hegemônicos, se valendo da imposição religiosa e de diversos aspectos de sua cultura. A austeridade da religião do colonizador foi aos poucos sendo rompida pelos cantos expressivos, pelos transes, e peculiar musicalidade africana. O que nos estimulou a definir tal temática como ponto relevante desta pesquisa.

A metodologia para realização deste estudo foi a revisão bibliográfica, está por sua vez foi feita com base em referenciais teóricos validados pela fortuna crítica, como: Reginaldo Prandi (2001), Mircea Eliade (1972), Pierre Verguer (1983), dentre outros utilizados, por meio de resumos e fichamentos, tanto da obra em análise, bem como de livros, artigos e dissertações que versaram acerca da temática abordada. O presente trabalho foi realizado conforme as seguintes etapas: De início, foi feita a leitura e o mapeamento da obra "*Um defeito de cor*" (2020) de Ana Maria Gonçalves, com o objetivo de destacar trechos referentes a religiosidade de Matriz africana. Em seguida foram feitas reflexões sobre a importância dessa obra para o entendimento da questão multicultural também embasada em referências relacionadas ao tema, como: Duarte (2009) e Munanga (2015).

## 1.1 SOBRE ANA MARIA GONÇALVES E A OBRA UM DEFEITO DE COR: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Nascida no ano de 1970, na cidade de Ibiá, interior do estado de Minas Gerais, Ana Maria Gonçalves tornou-se uma escritora bastante conhecida na literatura contemporânea. Desde cedo, mostrava-se interessada pela literatura, por influência de sua mãe uma leitora voraz, uma mulher que além das atividades do dia a dia também trabalhava arduamente como costureira para garantir o sustento da família e comprar os livros de sua filha, material precioso que levaria, futuramente, uma simples menina ao mundo da escrita.

Sonhos não se perdem, mas são barrados pela dura realidade de mundo. Ainda criança, Gonçalves deixou sua cidade e mudou-se para o Estado de São Paulo, lugar onde garantiu sua conclusão de ensino básico. Anos mais tarde, formou-se em publicidade, trabalhando por muito tempo como redatora e revisora em uma agência publicitária.

Ao cansar-se da monotonia de seu cotidiano, de seu trabalho exaustivo, e superando o fim de um relacionamento, resolve abandonar seu emprego e a vida que levava na cidade grande, pois almejava uma nova vida, e talvez realizar seu antigo sonho de viver da escrita. O motivo primordial para tal tomada de decisão, se deu a partir do que a autora define em sua obra como “serendipidade”. O destino, talvez, a fez ir em uma livraria procurar em uma seção de guias de viagens sobre a cultura de um país que lhe chamava a atenção, e ao separar alguns desses guias, acaba derrubando-os, mas por *serendipidade*<sup>1</sup>, consegue segurar um deles antes que caísse ao chão, era o livro de Jorge Amado, *Bahia de Todos os Santos – guia de ruas e mistérios*. Ao abri-lo, encontra um prólogo intitulado “Convite”: “E quando a viola gemer nas mãos do seresteiro na rua trepidante da cidade mais agitada, não tenhas, moça, um minuto de indecisão. Atende ao chamado e vem. A Bahia te espera para sua festa Cotidiana” (GONÇALVES, 2020, p.10), onde, páginas a mais ressaltava-se a revolta dos malês, o que lhe chamou bastante atenção. A partir daí, tinha a certeza de que seu destino estava na Bahia.

Dessa forma, acaba se mudando, inicialmente para Salvador, e depois, no arquipélago de Itaparica, lugar no qual escreve seu primeiro romance *Ao lado e à margem do que sentes por mim* (2002). Após anos de estudo, reunião de informações sobre a revolta dos malês, e revisão, a autora escreve o romance “*Um defeito de cor*”, que foi publicado pela Editora Record em 2006, ganhando o prêmio Casa de Las Américas, em 2007, na categoria literatura Brasileira, tendo sua tradução para a língua espanhola no mesmo ano do prêmio. Dentro dessa pesquisa,

---

<sup>1</sup> Serendipidade é um “acontecimento favorável que se produz de maneira fortuita; acaso feliz; descoberta acidental; dom de fazer boas descobertas por acaso”

feita sobre a revolta dos malês, encontra a figura de Luísa Mahin, a possível mãe do poeta abolicionista, advogado, jornalista, Luiz Gama, que a definiu: “Uma negra, africana livre, da costa da Mina”. Mahin, mulher negra, ex-escrava foi uma das principais líderes de uma rebelião mulçumana na Bahia, embora não se tenha nenhum documento que comprove sua existência, Gonçalves, mesclando ficção e realidade, a autora escreve *Um defeito de cor* inspirada na história dessa mulher que muito lhe chamou atenção. Na obra a autora não deixa explícito que Mahin e Kehinde são a mesma pessoa, mas é possível observar alguns traços em comum em relação as duas, como por exemplo: possuem o mesmo nome de branca, Luísa, tem um filho perdido e a participação de ambas na revolta dos malês.

O romance, que já é considerado um clássico, embora tenha uma publicação recente, obteve comentários bastante positivos. De acordo com Millôr Fernandes, tem o título de o “Livro mais importante da literatura brasileira do século XXI”. Em uma crítica feita na orelha da obra em questão, o romance está entre os melhores já lidos por ele “em nossa bela língua eslava”. O poeta e antropólogo Antonio Risério em um artigo publicado na Aldeia Nagô<sup>2</sup>, ressalta que: Ana Maria “inventou um romance que ele gostaria de ter inventado”, e que “ninguém escreve o que ela escreveu sem uma dedicação imensa. E é um livro raro na paisagem lítero-cultural brasileira” e ainda fala “que ela consegue criar personagens que nos convencem. Que são reais, apesar das idealizações”.

O título “Um defeito de Cor é justificado pelos anais da história do Brasil e deve-se a existência de uma lei do período colonial brasileiro na qual dizia, que negros que quisessem ocupar algum cargo importante como locais de destaque na igreja, no exército ou na administração da colônia, teria que escrever para o imperador pedindo dispensa do defeito de cor, ou seja teria que abrir mão da própria cor.”

[...] as violações, as exclusões, as discriminações, as intolerâncias, o racismo, as injustiças raciais são um construído histórico, a ser urgentemente desconstruídos, sendo emergencial a adoção de medidas eficazes para romper com o legado de exclusão étnico-racial. Há que se enfrentar essas amarras mutiladoras do protagonismo, da cidadania e da dignidade da população afrodescendente (PIOVESAN, 2005. p. 43)

Para Gonçalves construir sua própria identidade como mulher negra, precisou mergulhar a fundo nessa história, para isso ela recorreu ao passado, à memória histórica, mas,

---

<sup>2</sup> RISÉRIO, Antonio. **Um defeito de cor por Antonio Risério**, Aldeia Nagô, 25 de Janeiro de 2011. Disponível em: <https://aldeianago.com.br/artigos/5/4474>. Acesso em: 29 abr.2022.

ao fazer esse resgate, encontra somente uma história que vem sendo contada durante séculos sob a visão do homem branco, o que deixava um vazio na criação dessa identidade.

Foi a partir daí que a autora viu que era preciso reconstruir uma memória cultural e identitária sob o ponto de vista afrodescendente, nos colocando diante de um século XIX pouco conhecido, pois o ponto de vista narrado é feminino e negro, assim rompendo uma estrutura composta principalmente por narradores e personagens brancos do sexo masculino, e trazendo ao leitor personagens e fatos que ficaram à margem da história oficial brasileira por muito tempo:

Pode o negro falar? Expressar seu ser e existir negros em prosa ou verso? Publicar? Nem sempre. Sobretudo no passado: falar de sua condição de escravizado, ou de homem livre na sociedade escravocrata, levantar a sua voz contra a barbárie de cativo; ou, já no século XX, enquanto sujeito dolorosamente integrado ao regime do trabalho assalariado; ou excluído e submetido às amarras do preconceito, com suas mordidas. Apesar de tudo, muitos falaram, escreveram e publicaram (DUARTE, 2010, p.11).

Ana Maria ao escrever a obra *Um defeito de Cor*, Utiliza seu ponto de vista afrodescendente e através de sua narradora Kehinde faz ecoar as vozes e memórias coletivas de muitas mulheres e homens que aparecem durante a narrativa, tentando reparar uma história que foi negada ao povo afro-brasileiro. Foram séculos silenciando o discurso negro, o qual se arrasta até hoje na contemporaneidade. A literatura afro-brasileira, vem abrindo caminhos para a escrita de autoria feminina, tentando inverter a visão eurocêntrica, na qual a mulher negra está sempre inferiorizada, e trazendo ao centro da narrativa os grupos marginalizados, que antes eram compostos por homens, brancos, de classe social privilegiada.

*Um Defeito de Cor* narra a história de Kehinde uma mulher negra, ex-escrava que vem nos denunciar as mais diversas atrocidades vividas durante o período da escravidão no Brasil, trazendo em seu relato sua história em particular, mas sem deixar de lado o coletivo e o histórico.

O romance inicia-se a partir da infância de Kehinde aos sete anos de idade, aparentemente feliz, na África no início do século XIX. Mas logo essa felicidade se transforma em tragédia. Em seguida, a personagem relata sua vida de cativa no Brasil, primeiro como escrava na ilha de Itaparica. Ao ser comprada recebe o nome cristão “Luísa”, faz amizade com outros escravos, que se tornariam pessoas importantes por toda a vida. É na ilha de Itaparica que passa boa parte da infância e adolescência, tornando-se mulher e despertando o desejo do seu dono, que a violentou com os requintes mais cruéis, desse estupro ela engravida. Após o nascimento de seu filho Banjokô e a morte do fazendeiro, Kehinde vai para São Salvador,

tornando-se escrava de ganho de sua senhora. Depois de algum tempo, consegue dinheiro suficiente para pagar sua carta de alforria, bem como a de seu filho. Já na condição de liberta, se relaciona com um rico português e novamente engravida.

A narrativa continua falando da trágica morte de seu primogênito e de sua participação em revoltas históricas brasileiras ocorridas na Bahia, o que a obrigou a retornar à ilha de Itaparica e a morar no Maranhão. Fala ainda de sua vida no Rio de Janeiro, em busca do filho que lhe fora roubado e vendido pelo próprio pai como um escravo, sendo que o garoto já era alforriado. A procura do filho é imensa, mas tudo em vão. Depois de tantas buscas frustradas no Brasil, passa pela cabeça de Kehinde a possibilidade que o filho possa ter embarcado para a África, talvez por desejar ir em busca de suas raízes. A protagonista narra seu retorno à África, e nesta viagem conhece aquele que seria seu último companheiro, John, com quem tem dois filhos, Maria Clara e João. Após ficar viúva, muda-se para Lagos tornando-se uma rica empresária respeitada na sociedade africana. Por fim, já uma idosa, ela narra a tentativa de retorno ao Brasil, com esperanças de reencontrar o filho perdido.

## **1.2 IDENTIDADE E RELIGIOSIDADE: Uma história roubada**

Como uma crescente, o cristianismo expandiu-se além da Europa, para boa parte do ocidente. E como é sabido, o Brasil no século XVI era tomado por essa religião. Naquela época, como boa parte da mão de obra indígena já se encontrava catequizada pela igreja, viu-se então a “necessidade” de encontrar outra mão de obra: “os pretos sem alma”, assim eram vistos pelos colonizadores para ratificar e justificar a escravidão. Mas antes de serem capturados, e trazidos para o Brasil, os pretos tinham suas vidas, seus costumes, e sua religião.

Seus costumes iam numa linha totalmente contrária a doutrina cristã, em razão disso, os colonizadores utilizaram desta visão para impor um julgamento de valor dito como errado, condenando-os. “Os europeus viam os negros como profundamente corruptos e pecaminosos” (MUNANGA, 2015, p.29).

Correntemente, aprendemos nos livros de história que os escravos trabalhavam em lavouras, engenhos, casas-grandes e etc., mas poucos se perguntam: “o que eles faziam antes de serem trazidos para o Brasil?” A diáspora africana propiciou o contato entre diferentes culturas, o que grande parte dos que comumente conhecem a história da escravidão, não sabe, é que antes de serem escravizados, os africanos tinham suas vidas e títulos de nobreza, além de grande influência em terras Africanas. W. E. B. Du Bois ressalta que, “a história do negro não

começou na América. O negro foi trazido de um meio social definido” (DU BOIS, 1999, p. 245).

Nas condições conhecidas, trazidos a força para o Brasil, esses escravizados não puderam carregar em suas bagagens todos os objetos necessários para a realizações culturais, mas alguns conseguiram trazer as escondidas pequenos utensílios, como protetores e amuletos. No entanto, encontram nas terras brasileiras condições semelhantes ao ecossistema de suas origens, ou seja, as mesmas essências vegetais, o que favoreceu a continuidade de uma religião, a qual a relação entre o homem e a natureza é essencial. W. E. B. ressalta que para o africano, “sua religião era o culto a natureza, com uma profunda crença nas influências invisíveis circundantes, boas e más, e seu culto exercia-se por meio da magia e do sacrifício “(DU BOIS, 1999, p.246).

O que acabou diferenciando os cultos africanos dos cultos cristãos, foi justamente essa crença ligada a natureza e a ancestralidade. “O corpo, esse que a gente toca e vê, é chamado de *ara*, e quando morremos ele volta a se fundir com a natureza”. (GONÇALVES, 2020, p. 577). É importante destacar a forte ligação com a energia vital superior advinda dos orixás. Chegando ao destino, Brasil, os escravizados eram proibidos de cultuar suas religiões.

Desse modo, o catolicismo foi imposto pelo colonizador, considerada como a única doutrina a qual traria a salvação, já a dos escravizados, era enxergada como pecaminosa, e a escravidão era uma forma de pagar pelos seus pecados, uma vez que a vida dos escravos era vista pelo colonizador como inferior e selvagem, pois para eles, só a religião católica poderia salvar aquelas almas. Com essa justificativa, “foram instaladas capelas nos navios negreiros para que se batizassem os escravos antes da travessia” (MUNANGA, 2015, p. 29) Ao chegar em uma terra estrangeira, após serem submetidos a uma travessia por mar aberto, em condições sub-humanas (na qual muitos não sobreviviam), acontecia o processo de “Branqueamento” os ditos “senhores” obrigavam os pretos a assumirem uma nova identidade étnica e cultural, abandonando seus costumes, crenças e até mesmo seus nomes. No fragmento a seguir, observamos que a crença ancestral e nos orixás foi essencial para a protagonista pensar que ela não era inferior e nem precisava de qualquer outra religião para se sentir importante. Além disso, Kehinde coloca em prática os conselhos dados pela sua avó, valorizando e respeitando a palavra dos mais velhos, preservando assim as relações familiares, mesmo depois da morte destes:

Nós não víamos a hora de desembarcar [...] mas, disseram que antes teríamos que esperar um padre que viria nos batizar, para que não pisássemos em terras

do Brasil com a alma pagã. Eu não sabia o que era alma pagã, mas já tinha sido batizada em África, já tinha recebido um nome e não queria trocá-lo, como tinham feito com os homens. Em terras do Brasil, eles tanto deveriam usar os nomes novos, de brancos, como louvar os deuses dos brancos, o que eu me negava a aceitar, pois tinha ouvido os conselhos da minha avó. Ela tinha dito que seria através do meu nome que meus voduns iam me proteger [...] amarrei meu pano em volta do pescoço, e saí correndo pelo meio dos guardas. Antes que algum deles pudesse me deter, pulei no mar. A água estava quente e eu não sabia nadar direito. Então lembrei de Iemanjá e pedi que ela me protegesse, que me levasse até a terra [...] Ir para ilha e fugir do padre era exatamente o que eu queria, desembarcar usando o meu nome, o nome que minha avó e a minha mãe tinham me dado e com o qual me apresentaram os orixás e os voduns (GONÇALVES, 2020, p. 63).

Apesar de ainda ser uma menina, fica evidente a coragem e resistência de Kehinde, a não aceitação de nome cristão, pois pretende manter viva em sua memória, a sua mãe, a avó e sua ancestralidade religiosa. Ela se opôs a receber o batismo porque sabia que era através do seu nome africano que ia se manter ligada de alguma forma com os seus antepassados e com suas origens. Mesmo que depois tenha que fingir aceitação de nome de branca por questão de sobrevivência, quando foi posta à venda em um mercado escravo, a protagonista, acaba por assumir uma nova identidade, mas nunca deixou que suas raízes fossem apagadas. Esse gesto que conota simbolicamente extrema violência, porque apagava a identidade desses sujeitos, também foi narrado pela protagonista “Para os brancos fiquei sendo Luísa, Luísa Gama, mas sempre me considereei Kehinde. [...] Mesmo quando adotei o nome Luísa por ser conveniente, era como Kehinde que eu me apresentava ao sagrado e ao secreto”. (GONÇALVES, 2020, p. 73)

Numa relação de opressor e oprimido, os dominados não aceitavam o que lhes era imposto, mas existam castigos caso fossem pegos, então sua negação aquele cenário se dava de forma oculta. Às vezes, aos domingos, quando os senhores permitiam que saíssem para se distrair, os mesmos se reuniam com seus grupos de origem, aproveitavam para louvar aos seus deuses. “Os seus mestres, vendo-os cantar e dançar, pensavam que se tratava apenas de divertimento de negros nostálgicos” (VERGER, 1983, p.41)

Assim, seus cultos aconteciam às escondidas, longe dos olhos dos “Senhores”, dessa forma, sua religiosidade perdurava mesmo com as opressões cruéis de seu dia a dia.

Para o povo africano, preservar a tradição dos orixás era muito importante, e isso acontecia por meio do Candomblé, que foi evidenciado no romance de Gonçalves. Uma das formas de resistência retratada na obra “*Um defeito de cor*” foi o sincretismo religioso, tema que iremos nos aprofundar mais adiante, com análise da obra em estudo de Ana Maria Gonçalves, na ocasião abordaremos a religiosidade de matriz africana, seus costumes e crenças,

mostrando com passagens do texto, de quais formas essa religião se manteve viva mesmo diante da imposição do colonizador. A religião católica foi imposta pelo colonizador ao povo escravizado, este último, por sua vez, não quis abandonar completamente suas práticas religiosas e encontraram através da associação entre os santos católicos e orixás uma forma de cultivar suas divindades, e assim resistir e preservar esse marcante traço cultural que é a religiosidade de um povo. A associação ocorre a partir das nomeações dos componentes de uma casa de cultos, onde fazem uso de termos como pai-de-santo, mãe-de-santo e filho-de-santo, mas o “santo” na verdade é o orixá que rege a cabeça de cada praticante desta religião.

## **2 A RELIGIOSIDADE DE MATRIZ AFRICANA**

### **2.1 Do sincretismo ao hibridismo religioso**

Prandi (1999) divide a história das religiões afro-brasileiras em três fases: o período inicial de sincretização; o de branqueamento, com a formação da umbanda, entre 1920-30; e o de africanização, a partir de 1960, com a transformação do candomblé em religião universal.

Mesmo em terras distantes, e sobre o domínio dos brancos, os pretos sempre buscaram resguardar suas origens e costumes, principalmente a sua religião, o que acabou originando o chamado “sincretismo religioso”, que é a união de uma ou mais crenças religiosas em uma única doutrina, onde há uma única divindade e diversos cultos, significações e nomenclaturas ofertados a mesma.

Definir identidade é uma tarefa árdua sobretudo quando os indivíduos estão inseridos em contextos formados de vários elementos que os particularizam, como gênero, condição social, origem e raça. Essas particularidades causam momentos de instabilidade entre estes sujeitos.

Durante e após os deslocamentos a presença desses indivíduos fragmentados tornou-se bastante comum nessas zonas de fronteira, e essa fragmentação remete-se a qualquer ruptura com o que é considerado cultura original de um povo para que haja a vivência de outra cultura. No período colonial, essas vivências eram impostas pelos brancos europeus aos negros escravizados. Como já foi comentado, a cultura africana foi reinventada devido as estratégias desenvolvidas por parte do sujeito capturado.

A religião foi um dos aspectos que mais ocorreram ressignificações, levando em consideração que esse referência cultural propiciava a comunicação com os ancestrais e a manutenção de suas tradições.

O sincretismo foi uma forma inteligente que os negros escravizados conseguiram para enganar os seus senhores, adaptando alguns rituais africanos à tradição cristã, invocando por meio de nomes de santos católicos, os seus orixás, usando um altar com imagens de santos católicos na frente de seus objetos sagrados de culto aos orixás e cultuando sua religião africana de forma disfarçada, para que os senhores acreditassem que eles estavam adorando os santos católicos. “O sincretismo está ligado ao processo de inserção do negro na sociedade brasileira e, conseqüentemente ao da (re) construção da sua identidade”. (CONSORTE, 1999, p. 78 - 79), Dessa forma, cada orixá tinha um santo católico equivalente que varia de acordo com a região do Brasil. Para os negros durante o período da escravidão, relacionar estas duas práticas religiosas foi um modo de preservar e vivenciar essa importante herança ancestral africana.

Pouco a pouco, os africanos escravizados começaram a observar as características dos santos católicos, a partir daí foram descobrindo os elementos culturais, estruturais e sociológicos do cristianismo, e assim por meio da associação entre santos católicos e orixás, utilizavam essa relação para cultuar suas divindades.

Até a Esméria tinha lá os seus orixás, mesmo já sendo acostumada aos santos dos brancos e tendo simpatia por alguns deles, como São Benedito, que era preto como nós, ou Nossa Senhora da Conceição, que se reza como Iemanjá, assim como São Jorge é Xangô e Santo Antônio é Ogum, ou São Cosme e Damião, que são os Ibêjis. (GONÇALVES, 2020, p. 90)

“É nesse contexto de alternância entre o aparente e o escondido, entre o visível e o invisível, que vai se forjando o sentimento do religioso.” (PESSIS, 2002, p. 219-220)

A religião de base cristã reiterou a demonização das práticas religiosas de matriz africana. O demônio é uma figura que representa as forças do mal, pertencente aos dogmas do cristianismo, este por ter esta representação maléfica, foi associado ao Candomblé e, logo mais a Umbanda. Segundo Prandi: “O sincretismo, representa a captura da religião dos orixás dentro de um modelo que pressupõe, antes de mais nada, a existência de dois polos antagônicos que presidem todas as ações humanas: o bem e o mal; de um lado a virtude, do outro o pecado.” (PRANDI, 2001, p. 51). Essas concepções pregadas pela religião cristã, não existia na África.

No Brasil, com o sincretismo religioso a religião africana teve que se resignificar, para não desaparecer por completo, e assim ressurgiram novas bases, misturas de religião, o hibridismo religioso. “Haviam casas de pretos do mesmo território que cultuavam apenas um orixá, o da própria tribo, mas também havia casas frequentadas por muitas nações, onde vários orixás eram cultuado, e por isso recebiam o nome de candomblés”. Esse tipo de formação

religiosa trouxe consequências para nossa identidade cultural, a partir da vinda dos escravos para o Brasil ocorreram mudanças e misturas de crenças, as consequências dessas práticas foi uma religião cindida, na qual uma entidade religiosa recebia várias representações, os rituais religiosos eram diversificados.

O hibridismo longe de ser somente um mistura de raças ou aculturações seria um espaço em que haja a possibilidade de celebração do diferente, a valorização e o respeito pelas diversidades.

No dia em que me mudei para a loja, eu vivia uma situação que acabou me Acompanhando pelo resto da vida, mesmo depois de voltar à África: eu não sabia a quem pedir ou agradecer acontecimentos. Se não tivesse saído de África, provavelmente teria sido feita vodúnsi pela minha avó, pois respeitava muito os voduns dela. Mas também confiava nos orixás, herança da minha mãe. Porém, cozinhava na casa de um padre e estava morando em uma loja onde quase todos eram muçurumins. (GONÇALVES, 2020, p. 261)

No fragmento acima, podemos observar que a mistura de religião faz com que Kehinde fique perdida entre diferentes crenças, sem saber qual perspectiva e como faria sua manifestação religiosa, não desconsiderando as tradições africanas, como o culto aos voduns, aos orixás por herança materna, e também tanto a convivência com representantes católico como muçulmanos interfere em sua vida.

O sincretismo e o hibridismo ocupam posição central na estrutura religiosa e em diversos aspectos das culturas populares no Brasil. Veremos no próximo capítulo algumas características que dizem respeito à história dos africanos e seu aspecto religioso relacionados à realidade e à sobrenaturalidade, cerimônias e rituais.

## **2.2 O Mito, cerimônias e rituais**

O que são os orixás? Como eles agem na vida humana?

Para os iorubás tradicionais e os seguidores de sua religião nas Américas, os orixás são deuses que recebem de Oludumaré ou Olorum, o ser supremo, a incumbência de criar e governar o mundo, ficando cada um deles responsável por alguns aspectos da natureza e certas dimensões da vida em sociedade e da condição humana. (PRANDI,2001.)

De acordo com Tânia Maria de Carvalho Câmara Monte, desde os primórdios da humanidade, “a religiosidade faz parte da essência do homem, na busca constante da existência e vivência de Deus, através dos mitos de criação do mundo (cosmogonias)” (MONTE, 2013, p. 249). A cosmogonia tem por característica forte ligação com a ancestralidade, explica, em sua

essência, como algo surgiu e se tornou tradição, assim como estes conhecimentos foram difundidos por meio da preservação das crenças e ritos considerados sagrados.

Os Orixás foram seres humanos que fizeram parte desse mundo material, (Aiê), mais agora são forças ancestrais que habitam no (Orum) mundo espiritual, e que controlam tanto os acontecimentos sobrenaturais como os fenômenos naturais que regem a vida das pessoas e da sociedade. Cada orixá tem o seu sistema simbólico particular, composto de cores, comidas, cantigas, rezas, ambientes, oferendas, espaços físicos, ritmo e gestualidade. Eles são apresentados tanto como forças da natureza, ou como personalidades individuais, que conhecem as pessoas e agem de forma afetiva na vida das mesmas. Por essa razão, cada africano busca o conhecimento acerca de seu orixá de cabeça para realizar os rituais adequados que agradam estas entidades sagradas.

No que diz respeito ao mito Eliade (1972, p. 8) fala que “o mito é considerado uma história sagrada e, portanto, uma história verdadeira, porque sempre se refere a realidades”. Dessa forma, é importante ter conhecimento da história desses sobrenaturais como, a característica, para o reconhecimento do mito. Uma forte base para toda a estrutura do candomblé são os mitos que contam sobre a criação do mundo, a vida dos orixás na terra e sua relação com a natureza, são histórias muito antigas, que foram preservados de forma oral e são refletidos na vida humana até os dias atuais.

“O mito fundador da cultura africana diz que Olorum (Deus) chamou Orinlanlá para criar a terra. Para isso, deu-lhe uma concha marinha com terra, uma pomba e uma galinha, que ciscaram a terra da concha para que se formasse a terra firme.” (PRANDI, 2001, p. 502).

Como guardião da criação, Olorum definiu Exu, o senhor dos caminhos. Ele é pouco mencionado em *Um defeito de cor*. Antes de qualquer trabalho que envolva os orixás, recomenda-se sua menção por ser “o mestre das encruzilhadas e das aberturas [...] início da vida, mensageiro da palavra e arauto entre os orixás e os seres humanos” (BARBOSA, 2000, p.155).

Nesse sentido, percebemos que a obediência a Exu é uma garantia de que os caminhos percorridos serão alcançados, mesmo que exista alguma dificuldade, os caminhos estarão guardados. Popularmente, Exu é caracterizado como uma identidade maléfica, que onde passa causa destruição, porém o mesmo tem um caráter ambíguo, ou seja, um para o mal e outro para o bem, cada pessoa através das escolhas feitas, que irá determinar a bondade ou maldade, pois ele é apenas o mensageiro dos orixás, levando somente o que é pedido, e não somente a maldade

como se é pensado. “Na época dos primeiros contatos de missionários cristãos com os iorubas na África, Exu foi grosseiramente identificado pelos europeus com o diabo e ele carrega esse fardo até os dias de hoje” (PRANDI, 2001, p.21) É importante destacar que os estudos envolvendo a cosmogonia africana e afro-brasileira tende a servir como forma de esclarecimento, para desmistificar os discursos preconceituosos a respeito da cultura de matriz africana.

Em *Um defeito de cor*, a passagem a seguir conta a história de dois Orixás:

Certa vez, Oxalufã decidiu fazer uma visita ao seu amigo Xangô, rei de Oyó, reino vizinho de Ifã. Antes visitar um babalaô para saber como seria a viagem, se tudo correria bem [...] O mensageiro do Ifã disse que a viagem, contudo, seria muito penosa, cheia de provações [...] Oxalufã partiu, caminhando com muita dificuldade, e logo encontrou Exu Elopo Pupa, o “Exu-dono-do-azeite-de-dendê”, que pediu ajuda para colocar um barril sobre a cabeça [...] Oxalufã não se recusou a ajudar, mas Exu se fingiu de desastrado e virou o barril em cima dele, que ficou todo sujo de azeite [...] lavou-se em um rio, trocou de roupa e seguiu adiante. Antes de chegar a Oyó, a mesma situação se repetiu com Exu Eledu, “Exu-dono-do-carvãomadeira”, e com Exu Aladi, “Exu-dono-do-óleo-de-amêndoa-depalma”. Na fronteira de Oyó, Oxalufã encontrou o cavalo de Xangô, que tinha fugido, reconheceu o animal e começou a amansá-lo para levá-lo de volta ao amigo. Mas, quando estava fazendo isso, os servidores de Xangô apareceram e o levaram preso, achando que ele queria roubar o animal. Passaram-se sete anos durante os quais o reino de Xangô sofreu muito com a seca que acabou com as colheitas, as doenças que mataram os rebanhos e as mulheres que ficaram com os ventres secos. Muito preocupado, Xangô foi consultar um babalaô, que lhe revelou que toda aquela desgraça era por causa de um velho que estava preso injustamente. Todos os velhos que estavam presos foram levados à presença de Xangô, que reconheceu o amigo Oxalufã e, envergonhado, pediu desculpas várias vezes. Para provar ao amigo o quanto o estimava, Xangô mandou que todos os súditos vestissem branco e fossem buscar água três vezes seguidas para lavar Oxalufã, e guardando silêncio em sinal de respeito. Assim foi feito, e o reino de Xangô voltou a prosperar. Na volta para Ifã, Oxalufã passou por Ejigbo para visitar seu filho Oxagiyan, que, muito feliz por rever o pai, organizou grandes festas e distribuiu muita comida e bebida para todos os habitantes do lugar (GONÇALVES, 2020, p. 489-490).

No texto acima, Exu aparece três vezes na viagem, em situações que causaram complicações a Oxalufã devido à desobediência em relação às advertências dos orixás, exercendo assim seu papel de mensageiro. Além disso, a experiência vivenciada por Oxalufã mostra o caráter mítico das grandes narrativas: o sofrimento causado pela injustiça, o reconhecimento e a redenção.

Em *Um defeito de cor*, essa história é contada à Kenhide pelo babalaô Baba Ogumfiditime, em uma festa do Senhor do Bonfim, como forma de explicar como era importante a festividade para aqueles que o cultuam.

No que diz respeito aos orixás citados no texto, Oxalufã e Xangô, eram humanos que tinham posições de destaque em seus reinos, e por serem mortais, praticavam atividades comuns, tais como, consultar o Ifã “Oráculo” visitar amigos, e aceitar missões para superar problemas. Eles se tornam sagrados quando deixam de habitar o Aiê e passam a agir no Orum. Também é importante destacar que, de acordo com a mitologia africana Oxalufã é Oxalá, o mesmo é sincretizado como Jesus Cristo. Prandi (2001, p. 23) destaca que: Oxalufã é “criador do homem, senhor absoluto, do princípio da vida, da respiração, do ar, sendo chamado o Grande Orixá”.

Se torna muito importante o conhecimento dessas histórias, em virtude da busca que o ser humano tem de compreender acontecimentos que não se enquadram na explicação natural dos fatos. O conhecimento acerca da origem das coisas, e como as mesmas podem ser manipuladas geraram os rituais e cerimônias relacionados aos entes sobrenaturais. A partir destes fatos encontra-se a explicação como os mesmos surgiram, tornaram-se sagrados para os povos africanos. Essas crenças, rituais e cerimônias são descritos no romance em estudo. A seguir, veremos como ocorriam estas manifestações.

A religião dos Orixás é muito rica e bem estruturada em seus ritos. A dança é um dos aspectos mais importantes, enquanto expressa a representação de uma presença e ação de alguma divindade. Na passagem a seguir Kehinde participa de uma cerimônia feito no terreiro, para o orixá Oxalufã.

Ainda antes do sol nascer, [...]Quando o último vaso foi oferecido, o silêncio pôde ser quebrado com a velha que tinha puxado as procissões entoando um canto para Oxalá e sendo acompanhada por outras vozes e batidas de mão ritmadas. Os tambores começaram a soar e logo todos estavam dançando em louvor a Oxalá, as mulheres arrastando as saias brancas no chão da terra e acompanhando o ritmo cada vez mais rápido dos instrumentos preferidos do orixá. Fiquei fascinada com aquele belo espetáculo, que se tornava ainda mais animado quando algumas filhas de Oxalá entravam em transe ora contorcendo o corpo no ritmo da música, ora imitando o caminhar curvado do velho Oxalufã, recebendo vivas de todos os presentes. O transe era um sinal de que o orixá estava satisfeito com o ritual e queria participar. [...] um dos momentos mais emocionantes foi quando pessoas vestidas com roupas de cores que representavam os orixás se aproximaram da velha e, sempre dançando, apanharam cada qual um pedaço da bainha da saia dela, formando uma bonita rosa de pétalas coloridas e miolo branco. Os instrumentos paravam de tempos em tempos, e a mulher, que eu já achava ser o próprio Oxalufã, dava alguns passos hesitantes, como se fosse tombar, enquanto os outros orixás ao redor curvam o corpo para a frente e deixam cair os braços e a cabeça, como se prestassem uma homenagem ou como se estivessem muito cansados, solidários com o cansaço de Oxalufã. Ficam assim por alguns segundos, mas logo a música volta a encher o terreiro e todos endireitavam os corpos e recomeçavam a dançar com a animação de quem estava entrando na roda naquele momento. (GONÇALVES, 2020, p. 491492.

Essa dança mítica, contagia a pessoa transportando-a para outro plano da existência. Cada dança celebra um compromisso, um desafio que deve ser vivido dentro e fora do terreiro. É pelo corpo que a pessoa se torna visível diante dos demais e é no corpo que o Orixá se manifesta, fazendo de cada um o seu filho ou filha. Em cada celebração, a realidade divina é experimentada de modo muito pessoal, dança e transe, e ao mesmo tempo se torna comunitário.

Um dos aspectos mais importantes da cultura africana são as práticas de rituais e cerimônias que estão ligados à sua tradição. Esses ritos geralmente se baseiam em ensinamentos advindos de um mito fundador. Portanto, se faz necessário conhecer esse aspecto fundacional para que rituais e cerimônias sejam justificados e realizados. Cada comunidade tem seu orixá ou vodun principal de culto, e diferentes formas de cultos. A tentativa de unificação de cosmogonias e rituais surgiram a partir da interferência de outras crenças religiosas, principalmente aquelas que pregavam a “verdadeira fé”.

As relações com o mundo natural e com familiares habitantes do mundo espiritual foram a base da religião africana ancestral. As crenças e os ritos ligados a essas manifestações foram repassadas ao longo das gerações. Decisões relacionadas à saúde, à doença, à caça e a participação em guerras eram definidas após a consulta aos antepassados. Cada ritual tem suas particularidades, que vai de acordo com o objetivo. Alguns rituais são para celebrar momentos felizes, e outros de tristeza. Porém, ambos buscam aproximação entre o mundo material e o mundo espiritual.

Na cosmogonia africana, a cerimônia do nome refere-se ao batismo católico. Contudo, de forma esclarecedora, apresentando informações mais detalhadas no que diz respeito ao destino da criança, conforme veremos a seguir:

O ritual foi igual ao que eu já tinha presenciado, e todos festejaram muito porque meu novo filho chorou quando a água jogada para o alto respingou no rosto dele. Isso significava que ele queria muito viver [...] Mas, não se moveu para apanhar o colar de cauris, o que significava que não teria riquezas [...] Antes de começar a cerimônia, o Baba Ogumfiditimi tinha dito que você é de Xangô, o orixá da justiça (GONÇALVES, 2020, p. 403-404).

A cerimônia descrita acima, refere-se ao segundo filho de Luísa, o poeta Luís Gama, a história aponta que este foi advogado e ajudou na libertação de vários escravos, confirmando sua tendência para a justiça, mas não morreu em tenra idade, como havia sido previsto. Para evitar a morte precoce, e salvar a vida dos filhos, Luísa foi orientada pelo babalaô a realizar mais um ritual para enganar a morte:

Perguntando ao Ifá, o Baba Ogumfiditimi me falou do ritual [...] Ele ia usar um pedaço de tronco de bananeira, roupas e gorros tingidos com òsun e bordados com guizos e búzios, e mais algumas comidas, acho que acará, canjica, frutas, mel, um pombo, um galo e ervas sagradas. Tudo isso seria montado como se fosse um carregado para a morte, para acalmá-la, embrulhado em um pano branco e solto nas águas de um rio. E ainda foram feitas muitas oferendas com doces para os abikus, para que eles ficassem contentes e não insistissem em fazer com que você e seu irmão lembrassem dos tratos (GONÇALVES, 2020, p. 405).

O ritual e cada um dos elementos que compõe a realização possuem alguma significação. Por exemplo, o pombo é um mensageiro e o galo é um auxiliar de Olorum na organização do caos do mundo. As comidas citadas são as mais usadas em ebós (oferendas). Assim, podemos identificar a realização de diferentes rituais relacionados à cosmogonia africana no romance, rituais que envolveram situações de vida e de morte. Para alguns rituais ou cerimônias são feitas algumas oferendas em outros, sacrifícios. Os sacrifícios de acordo com Prandi (2001, p. 50) “significa a reafirmação dos laços de lealdade, solidariedade e retribuição entre os habitantes do Aiê e os habitantes do Orum”, compreendendo-se os primeiros como os seres humanos e os últimos como os orixás e demais ancestrais.

O abiku é uma criança destinada a morrer em tenra idade. Os tratos descritos por Kehinde em *Um defeito de cor* referem-se à ideia difundida na cosmogonia africana de que, antes de vir ao Aiê, o abiku faz um trato para logo retornar ao Orum. Através de conhecimentos sobrenaturais, dominados comumente pelos babalaôs, durante a gravidez ou logo após o nascimento da criança, sabe-se se é um abiku ou não. Ao se constatar este fato, é possível a realização de rituais para que possa evitar a morte da criança. É como se, agradando o orixá, seja possível mudar o destino. Mais, infelizmente o primeiro filho de Luísa, Banjokô, mesmo com a realização dos rituais necessários, não conseguiu enganar a morte, como descrito a seguir:

Me vi parada sozinha do lado de fora da porta, com os muçurumins agachados à minha direita, fazendo aquelas orações em que todos falavam ao mesmo tempo. Tive vontade de gritar para que parassem, porque já estava ouvindo vozes demais, atordoada com a festa dos abikus, e apenas disse que já sabia quando a Esméria me avisou que o Banjokô estava morto, que não havia mais nada a fazer [...] os abikus que retornam ao Orum mesmo tendo fortes ligações no ayê são os preferidos de Iyájansá, e o que se deve fazer é deixá-los menos atraentes aos olhos dela e dos outros companheiros, mutilando seus corpos. Mutilados, eles causam medo nos outros abikus, que não querem mais brincar com eles. Sentindo-se sozinhos e rejeitados, eles se desligam dos companheiros e retornam ao Orum como um espírito normal (GONÇALVES, 2020, p. 466-469).

A citação explica porque Banjokô não consegue se libertar da morte. Kehinde de início fica revoltada, porém se conforma com a condição do filho, preocupando-se em ajudá-lo a deixar de ser um abiku, já pensando na próxima volta do filho ao Aiê. Prandi 2000, discorre sobre a percepção da morte e da vida pós-morte na cultura africana iorubá:

Não existe o conceito de vida e de morte semelhante ao conceito de bem e de mal, inferno, purgatório ou céu, incorporado a partir da chegada de colonos europeus no século XVI ao Brasil [...] nas tradições iorubás, existe sim a ideia de corpo material, porém, esse corpo se decompõe após a morte se reintegrando a natureza enquanto o espírito aguarda o retorno para o mundo dos vivos ou o ayê (PRANDI, 2000, p. 1)

Discorreremos adiante sobre as manifestações religiosas e cosmogônicas vivenciadas pela protagonista Kehinde/Luísa Mahin no romance *Um defeito de cor*.

### **2.3 A resignificação de Kehinde através da ancestralidade.**

O desejo pela liberdade é um dos temas principais do romance *Um defeito de cor*. É a falta de liberdade que moverá Kehinde em suas ações do início ao fim de sua narrativa. A protagonista ainda na África, fala de um tempo feliz ao lado da mãe, da avó, do irmão Kokumo e da irmã gêmea Taiwo. É com admiração que descreve a mãe como uma bela mulher, que dançava no mercado de Savalu para ganhar dinheiro, tendo as gêmeas amarradas às costas. A vida em liberdade, feliz e pacata em Savalu é interrompida pela morte trágica do irmão Kokumo e da mãe, que foi estuprada pelos guerreiros do rei Adandozan antes de ser morta.

[...] a minha mãe surgiu correndo da beira do rio, onde se banhava acompanhada do Kokumo, que estava pescando. Naquele dia, a minha mãe tinha acabado de voltar do mercado, lavado as pinturas com que enfeitava o corpo e passado ori nele. Eu nunca tinha visto minha mãe tão bonita. [...] O Kokumo apareceu correndo atrás dela e foi pego por um dos guerreiros [...]. Outro guerreiro pegou minha mãe pelos braços e a apertou contra o próprio corpo [...]. Um dos guerreiros, que até então tinha ficado apenas olhando e sorrindo, chegou bem perto do Kokumo e enfiou a lança na barriga dele. Eu me lembro do sangue que saiu da boca do meu irmão e espirrou na roupa do guerreiro. [...] Quanto mais ele falava e dava tapas no rosto dela, mais ela sorria e girava o pescoço, seguindo os abikus. Até que ele se acabou dentro dela, jogou o corpo um pouco para o lado, apanhou a lança e enfiou sorriso a dentro de minha mãe. (GONÇALVES, 2020, p. 22-24)

É a partir desse fato que a personagem Kehinde passa a perceber que há um outro lado da existência humana, que é o do sofrimento. Mas é esse sofrimento inicial que lhe permitirá

ser forte, determinada e, assim, sobreviver à captura e viagem no navio tumbeiro da África até o Brasil. O mesmo não aconteceu com a avó e a irmã gêmea, que também embarcaram no mesmo navio e morreram durante o trajeto. Desde que chegou ao Brasil, Kehinde tem um comportamento diferente dos muitos africanos cativos. Recusa-se a ser batizada e para evitar isso se joga mar antes de descer em terra estrangeira. O nome Luísa foi adotado, no momento em que fora vendida ao fazendeiro de Itaparica, e não pelo batismo cristão dado aos escravos chegados ao Brasil, como era costume na época. Sua crença será sempre mantida fielmente, apesar da obrigatoriedade de adesão dos escravos ao catolicismo.

A adaptação e a assimilação aparente da escrava à cultura e crença brasileiras deram-se, principalmente, pela necessidade de ascensão social dessa personagem dentro do contexto colonialista, onde só os africanos libertos teriam o direito de sonhar com melhores condições de vida. O desejo de mudar de vida, deixar de ser escrava, já é percebido quando Kehinde, ainda criança, ganha um lindo vestido de sua patroa e amiga, sinhazinha Maria Clara. Ao olhar-se no espelho, vestida como sinhazinha, promete a si mesma que teria muitos vestidos como esse quando se tornasse adulta. “Olhando no espelho, eu me achei linda, a menina mais linda do mundo, e prometi que um dia ainda seria forra e teria, além das roupas iguais às das pretas do mercado, muitas outras iguais às da sinhazinha” (GONÇALVES, 2020, p.87).

A promessa feita começa a se concretizar quando Kehinde se alfabetiza. O aprendizado da leitura e da escrita da língua do branco a diferencia dos demais escravos que não sabiam ler. Sua trajetória social resume-se a primeiro aprender a ler e escrever em português; e depois, por ter trabalhado em residência de ingleses, conseguir aprender a falar, ler e escrever em inglês.

A ligação entre homem e natureza é marcante nas manifestações cosmogônicas de origem africana. O termo cosmogonia foi escolhido devido a existência de um mito fundador na cultura africana, conforme apresentado no início do capítulo anterior.

O reconhecimento da cosmogonia dos povos africanos sempre foi muito difícil, especialmente pelo fato de que parte das práticas ritualísticas foram cruelmente oprimidas pelo colonizador. Estes, quando não movidos pela devoção católica, eram movidos pelo racionalismo que condenava todas as práticas que não pudessem ser comprovadas cientificamente. No entanto, as experiências humanas mais interessantes, ao longo dos tempos, sempre foram além das explicações científicas. O direito de sonhar, de acreditar e até mesmo a busca por acontecimentos sobrenaturais por curiosidade sempre foram forças que moveram o ser humano.

Em *Um defeito de cor*, a identidade de Kehinde teve como experiência, sua crença ancestral ao ser agraciada com bens materiais em um momento de aflição. Movida pela fé em

seu orixá de cabeça, Oxum, a qual ela pede orientações para conseguir meios para conquistar sua liberdade e do filho Banjokô, assim descrito:

Voltei para o quarto, armei um altar e chorei e rezei por um bom tempo, pedindo que os orixás me mostrassem uma solução ou me fizessem conformada com o destino. [...] Foi a cobra, que nem eu nem ninguém mais viu de novo pela casa. Depois que eu já tinha dito à Oxum tudo o que queria e ia descer para entregá-la à Claudina, a cobra apareceu de repente, pulando em cima de mim. A primeira reação foi me proteger, jogando a Oxum contra ela, e quando olhei para o chão tingido de dourado, a ideia surgiu inteirinha, como um raio de sol iluminando minha cabeça [...] Quando fui pegar a Oxum, olhei o chão ao meu redor e ele estava coberto com um pó dourado que tinha caído de dentro da estátua de madeira [...] Forcei um pouco a abertura e a estátua se partiu ao meio, deixando ver que guardava uma verdadeira fortuna (GONÇALVES, 2020, p. 342-343).

A simbologia nessa passagem mostra que a devoção a Oxum, orixá da riqueza e da prosperidade, faz com que Luísa consiga dinheiro, o suficiente para comprar a própria carta de alforria e a do filho Banjokô, e na sequência comprar um sítio, e ainda entrar como sócia em uma padaria. Para se reforçar a simbologia desse trecho, Sousa Júnior (2011, p. 10-11) comenta que “a imagem emblemática da cobra é o símbolo de crescimento, da prosperidade, como tudo que é alongado ou cresce para cima”, o que se encaixa perfeitamente com a situação descrita no fragmento acima. É um divisor de águas entre a situação de aflição e a resolução do problema. Os acontecimentos são rememorados na mitologia iorubá quando há o pedido e o atendimento, e agradecimento. Após ter seu pedido atendido, Luísa fez o ritual de agradecimento para Oxum como descrito a seguir:

Quando estava desesperada por ajuda, tinha prometido um quarto de orações só pra ela, que mandei construir em tijolo e telha na parte baixa do terreno, perto do mar. Um lugar pequeno, bonito e cheio de luxos para satisfazer a vaidade de Oxum, onde montei altar para a imagem [...] a casa de orações tinha de ser pintada de amarelo-ouro, e que seria melhor se tivesse sido construída ao lado de um rio ou de uma cachoeira, lugares regidos por Oxum [...] o Baba Ogumfiditimi ficou encarregado de fazer um ebó e oferecer a ela em um praia de rio, com muita canjica amarela, farinha de milho, mel, azeite doce, frutas, pudins, um prato de peixe, ovos, um pombo branco e um casal de marrecos. Esta oferenda, com pequenas mudanças e a depender do caso, eu deveria repetir sempre que quisesse agradecer alguma coisa, pedir ajuda para prosperidade dos negócios e no dia dedicado a ela, oito de dezembro. A saudação a Oxum é Oré Yeyé o, “chamemos a benevolência da mãe”, que eu deveria repetir sempre que quisesse ou sentisse a presença dela (GONÇALVES, 2020, p. 357-358).

De acordo com Cantigas (2011, p. 52) Oxum “no candomblé, dança com o abebé, leque de cobre enfeitado, tendo no centro um espelho, no qual se mira e finge pentear-se”, por isso,

que na citação acima, quando Kehinde diz um lugar “cheio de luxos para satisfazer a vaidade de Oxum”, esses luxos são joias, espelhos, pentes, que fazem parte das ofertas para agradá-la. O quarto é amarelo, pois esta é a cor preferida de Oxum. A oferenda é feita no dia oito de dezembro, pois Oxum é sincretizada com Nossa Senhora da Conceição, que é celebrada neste dia. Para conseguir fazer o ritual de agradecimento, a protagonista precisou da ajuda de um babalaô, para que a oferenda fosse realizada de acordo com a vontade do orixá.

Ao consultar o Baba Ogumfiditimi, ela busca orientação para que a oferenda seja feita de acordo com seu orixá, pois a oferta de santo pode variar de pessoa para pessoa, informação essa que é obtida através do jogo de búzios o (Ifá). Quando há o respeito às vontades e simbologias ligadas a um orixá, há uma rememoração de eventos e preservação da tradição relacionada à cosmogonia iorubá.

Em outra passagem, após fugir para não sofrer as punições devido a sua participação ativa na revolta dos Malês, Luísa foi para São Luís e iniciou-se no voduísmo: “Durante um tempo em que ela me ensinou tudo o que podia ser dito sem comprometer o segredo, tudo o que a minha avó teria me ensinado mesmo que eu não me tornasse uma vodúnsi”. (GONÇALVES, 2020, p. 598). Dessa forma, a protagonista vivenciou a rotina da Casa das Minas.

Após passar algum tempo na capital maranhense, Luísa retornou a Salvador onde soube que seu filho mais novo Omotunde havia sido vendido como escravo, o mesmo teria sua identidade, mais tarde confirmada como sendo o poeta Luiz Gama. Ao realizar a busca pelo filho perdido Kehinde percorreu várias cidades, mas sem conseguir obter sucesso. Arrasada e sem motivos para permanecer em terras brasileiras, retorna a Uidá, na África, para recomeçar a vida. Ao se inserir no contexto daquela cidade, Luísa percebeu que adotar o estilo de vida hegemônico, incluindo a religião, daria a ela um status mais elevado na sociedade. Deste modo, a protagonista passou a praticar a religião católica a mesma que se negou a adotar ao chegar em terras brasileiras, cujo fator simbólico se manifestou quando Kehinde joga-se no mar recusando o batismo cristã.

Na obra as ressignificações foram demonstradas por meio da crioulização cultural ou, ainda, pela dissimulação da cultura eurocêntrica. Ressaltam-se as estratégias de preservação das tradições culturais por parte das cativas como, por exemplo, Luísa Mahin ao dissimular uma falsa conversão ao Catolicismo associando os santos aos orixás.

A cosmogonia manifestada pela tradição ancestral africana foi representada na obra pelo culto e rituais a orixás e voduns, além de ter como vertente a forte ligação com os antepassados e com elementos naturais. Durante toda a trajetória da protagonista, embora os bens materiais

tenham contribuído para a sua ascensão social, um dos fatores que foi decisivo para a manutenção de sua identidade cultural e de sua resignificação no Brasil foi o apego aos valores espirituais. A crença inabalável nas entidades iorubas, cujos rituais eram sempre respeitados, a mantiveram sempre firme em seu propósito de cultivar sua religião de matriz africana.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do conceito e características do mito definidos por Prandi e Eliade, foi possível identificar e analisar as representações míticas africanas e afrodescendentes em *Um defeito de cor*, obra a qual tive contato por meio do meu professor orientador. De início fiquei um pouco receosa, por que ler um livro de quase mil páginas não é uma tarefa fácil, mas quando comecei a ler a obra, a cada página que lia me emocionava, em outras sentia raiva, medo, angustia, descobria coisas novas, e várias outras sensações. Então a leitura foi muito prazerosa, enfim li a obra inteira, sem cansaço algum, aquela história foi minha companhia por várias e várias noites.

Na história dos Entes Sobrenaturais, observou-se que estes foram seres humanos que se destacaram por grandes feitos no Aiê e se tornaram sagrados quando foram para o Orum. O oráculo foi meio de conexão entre o mundo material e o espiritual. Exu é o orixá que media a relação entre o ser humano mortal e os entes sagrados.

O poder dos orixás se manifestou por meio de ações negativas ocorridas devido à desobediência a estes. Verificou-se na obra *Um defeito de cor* que a protagonista teve contato com diversas manifestações cosmogônicas de origem africana, bem como àquelas de origem cristã. A preservação da cosmogonia ancestral associada a imposição da religião do colonizador provocou uma inicial rejeição dessa última. Porém, ao longo do romance, Luísa Mahin e outras identidades escravizadas lançaram mão de estratégias para cultuar os santos dos brancos, sem necessariamente deixar de cultuar os próprios orixás.

As identidades escravizadas possuíam sua própria cultura manifestadas de diversas formas. Contudo, ao serem sequestrados de sua terra, os africanos sofreram todo tipo de silenciamento identitário, como forma de serem forçados a se adequar às vontades do colonizador.

Este espaço de cultura caracterizados por relações harmônicas, baseadas no silenciamento, conflituosas, embasadas na resistência e luta contra o racismo e o preconceito e,

ressignificadas, baseadas na conveniência foram verificados no romance. Uma das expressões mais afetadas foi a tradição destes colonizados que, mesmo experimentando uma diversidade dessas manifestações optou, por questão de conveniência, assumir a religião cristã que outrora lhe oprimira.

Dessa forma, foi possível compreender a relação entre algumas manifestações da cosmogonia africana. A explicação relacionada à origem, a manipulação de forças do Aiê e do Orum por meio de rituais, foi destaque nessa característica do mito definido por Eliade, Prandi, dentre outros. Outro ponto em destaque refere-se à cerimônia do nome, praticada na cosmogonia africana, em que se apresenta a criança para os orixás e se revela informações sobre o futuro desta.

A protagonista de *Um defeito de cor* vivencia a experiência sobrenatural de ter um pedido a Oxum, considerado impossível, concretizado. A necessidade de ter um pedido atendido fez com que ela relembresse de seu orixá de cabeça. A reatualização aconteceu quando, em agradecimento, Luísa fez oferendas a Oxum. Ao longo da narrativa, este orixá recebe várias oferendas, como mediação de pedidos ou como forma de agradecimento. Assim, a memória ancestral voltada para o ente superior estava sempre sendo rememorada e reatualizada por meio de rituais.

Por fim, esperamos que esta pesquisa seja um estímulo à busca de informações acerca da cosmogonia africana por estudiosos da importância de Eliade, como também Prandi, e outros utilizados. Além disso, estudos como estes podem ser uma maneira não somente de reconhecer a importância dos mitos de matriz africana, mas também esclarecer que cada cultura tem sua importância e deve ser igualmente respeitada.

É importante que estudos acerca das identidades africanas apresentadas no meio literário continuem sendo realizados. Outro ponto a ser repensado é a utilização de termos e conceitos hegemônicos para os estudos de identidades e culturas de origem africana. Nem sempre o que é considerado pela visão hegemônica como algo sobrenatural, por exemplo, se aplica a cultura africana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Maria José Somerlate. **Exu: “Verbo Devoluto”**. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (organizadora). *Brasil Afro-Brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- CANTIGAS DE UMBANDA E CANDOMBLÉ: **pontos cantados e riscados de orixás, caboclos, pretos-velhos e outras entidades**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.
- CONSORTE, Josildeth G. **“Em torno de um manifesto de Ialorixás baianas contra o sincretismo”**. In: CAROSO, Carlos; BACELAR, Jeferson (Org.) *Faces da tradição afrobrasileira*. Rio de Janeiro: Pallas, 1999.
- DUARTE, E. A. *Literatura e afrodescendência no Brasil*. In: PEREIRA, E. A. (Org.). **Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.
- DUARTE, Eduardo de Assis. *Na cartografia do romance afro-brasileiro: “Um Defeito de Cor” de Ana Maria Gonçalves*. In: **Culturas e diásporas africanas**. Organização: Cláudia Regina Lahni et al. Juiz de Fora: UFJF, 2009. Tirar.
- DU BOIS, W. E. B. **As almas da gente negra**. Tradução, introdução e notas de Heloisa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 1999.
- ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. Traduzido por Polla Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1972. 144p.
- GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. 7ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. (2020).
- MONTE, Tânia Maria de Carvalho Câmara. *A religiosidade e sua função social*. *Rev. InterLegere*, n. 05 Reflexões, 249-255, 2013. Disponível em <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/download/4619/3777%3E>
- MUNANGA, Kabengele. **Negritude: Usos e sentidos**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- PESSIS, Anne-Marie. **História das religiões no Brasil: das origens da religião no Brasil indígena**. Recife: Ed. Universitária, 2002.
- PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- PRANDI, Reginaldo. **Sincretismo católico e a demonização do orixá Exu**. *Revista USP*, São Paulo, n.50, p. 46-63, junho/agosto, 2001.
- PRANDI, Reginaldo. **“Referências sociais das religiões afro-brasileiras: sincretismo, branqueamento, africanização”**. In: CAROSO, Carlos; BACELAR, Jeferson (Org.). *Faces da tradição afro-brasileira*. Rio de Janeiro: Pallas, 1999. p. 93-111.

PRANDI, Reginaldo. **Conceitos de vida e morte no ritual do axexê**: Tradição e tendências recentes dos ritos funerários no candomblé. Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

PIOVESAN, F. Ações afirmativas sob a perspectiva dos direitos humanos. In: SANTOS, S. A. (Org.). **Ações afirmativas e o combate ao racismo nas Américas**. Brasília: MEC/SECAD, 2005.

RKAIN, Jamyle. **Um registro historiográfico por Ana Maria Gonçalves**. Disponível em: <<https://artebrasileiros.com.br/arte/um-defeito-de-cor-um-registrohistoriografico-por-ana-maria-goncalves>>. Acesso em: 29 abr. 2022.

RISÉRIO, Antonio. **Um defeito de cor por Antonio Risério**. Disponível em: <<https://www.aldeianago.com.br/artigos/5/4474>>. Acesso em: 29 abr.2022.

SOUSA JÚNIOR, Vilson Caetano de. **Na palma da minha mão**: temas afrobrasileiros e questões contemporâneas. Salvador: EDUFBA, 2011.

VERGER, Pierre. **Syncrétisme**. Recherche, Pédagogie et Culture, Paris, n. 64, octobre, novembre, décembre, 1983.